

# MODERN!SMO

Arquivo Virtual da *Geração de Orpheu*

modernismo.pt

Três dedicatórias

Manuela Parreira da Silva

Artigo publicado no catálogo da exposição *Almada por Contar*, Biblioteca Nacional de Portugal, 2013.



## TRÊS DEDICATÓRIAS

Manuela Parreira da Silva

A aposição de uma dedicatória num livro oferecido é, por vezes, mais do que o cumprimento formal de uma regra de etiqueta.

Quando lemos, na folha de rosto de *Mensagem*, as palavras que Fernando Pessoa dirige, em 13 de Janeiro de 1935, a Almada Negreiros - «Ao José de Almada Negreiros (Viva, Bebé do *Orpheu!*), com a amizade, admiração e o entusiasmo de sempre, e um grande abraço, off...» - lemos não só uma prova de afecto sincero, mas também o sinal de uma relação intelectual firme e duradoura. Voltamos, então, de repente, ao espaço e tempo comuns de duas existências, ao convívio longínquo de 1915. Almada era, nessa altura, lembra-o Pessoa, apenas o «Bebé do *Orpheu*»; era, de facto, o mais jovem, o mais promissor. Vinte anos passados, como terá Almada lido o «velho» Pessoa?

Lembre-se, a propósito, que, em Novembro desse ano, mês de todas as mortes, Almada convida o amigo para coordenar consigo o nº 3 de *Sudoeste*, os chamados «cadernos de Almada Negreiros», com vista à colaboração «dos que foram de *Orpheu*». É Pessoa que o assinala, numa nota intitulada «Nós os de *Orpheu*», passando em revista, por assim dizer, o paradeiro de cada um e concluindo: «Quanto ao mais, nada mais. Cá estamos sempre. // *Orpheu* acabou. *Orpheu* continua». Na sua dedicatória, afinal, Pessoa antecipara-se apenas a esta declaração de continuidade...

A dedicatória é, de resto, um modo de cultuar o destinatário (ou dedicatário) e o próprio destino. E não deixam de ser curiosos (e intrigantes) os termos em que o faz, por exemplo, Adriano del Valle, escritor «ultraísta» espanhol, colaborador da revista *Contemporanea*, que com o grupo modernista português conviveu em Lisboa, em 1923-1924. Nas palavras com que dedica o seu livro *Arpa Fiel* (edição de 1942) ao «Gran pintor ibérico», salienta o seu «valor universal» que, escreve, teria previsto há muito: «profeticé / en el año 1912». Como poderia, no entanto, ter esta percepção em 1912? A menos que, numa visita a Lisboa, tivesse visitado a exposição do I Salão dos Humoristas. Nessa altura, porém, Adriano, dois anos mais novo que Almada, tinha apenas 17 anos... E o pintor era pouco mais do que um desconhecido. Referir-se-ia, por deriva de memória, Adriano à profecia feita por Fernando Pessoa na revista *A Águia*, precisamente em 1912, sobre a vinda próxima de um Grande Poeta, o supra-Camões? Se assim fosse, estaríamos perante uma original interpretação da figura anunciada.

Não sendo possível que Pessoa, àquela data, pensasse em Almada Negreiros, ainda «inexistente» no horizonte literário português, nada impediria que, em 3 de Janeiro de 1946, data da dedicatória, um estrangeiro, amigo de Portugal, o considerasse como susceptível de incarnar esse «lúcido sonho de louco». De facto, nos anos quarenta, Almada Negreiros ganhara já um verdadeiro estatuto de artista e a obra multímoda de Pessoa começava apenas a impor-se junto do público (por força das edições promovidas por Luís de Montalvor na *Ática*, cujo logótipo, diga-se, foi da autoria do próprio Almada). O pintor vivera em Madrid entre 1927 e 1932 e o seu talento tornara-se unanimemente reconhecido no meio artístico espanhol. Como se sabe, é relevante o contributo que Ramon Gómez de la Serna, antigo e também assíduo colaborador da revista *Contemporanea*, teve na recepção, em Espanha, ao trabalho e à personalidade de Almada. Logo em 1927, *La Gaceta Literaria* (nº 3) inclui um seu artigo, «El alma de Almada», acompanhado de um poema, do auto-retrato e de uma ilustração de Almada Negreiros, para além de um retrato do artista, feito pelo pintor espanhol Vázquez Dias, também ele, amigo, de longa data, dos modernistas portugueses. Nesse artigo, Gómez de la Serna qualificava Almada de «ser ímpar». E o pintor português continuou, entretanto, a colaborar em revistas e a realizar obras em Espanha, nos anos quarenta. Não admira, portanto, que Adriano del Valle tenha firmado a sua admiração por Almada. Registe-se, por curiosidade, que, no mesmo ano de 1946, Almada lhe oferece também um dos seus livros, *Pierrot e Arlequim, personagens de teatro* (1924), com uma dedicatória: «A Adriano del Valle este ensaio de un pintor apaixonado por el teatro».

Por outro lado, é provável que Adriano del Valle tivesse apenas um vago conhecimento dos artigos pessoanos de *A Águia* e da sua profecia de 1912. Isso explicaria uma interpretação que parecerá a muitos, hoje, algo desfocada. A verdade é que o teor dos textos de Pessoa remetem, sobretudo, para o plano da Grande Poesia, que não é, obviamente, o terreno em que Almada, supremo artista, se tornou mais decisivo.

Em Abril de 1957, é Natália Correia que dedica o seu livro *Dimensão Encontrada* «ao Almada símbolo, que também é autêntico. Ao Almada autêntico, que também é símbolo».

Este Almada dúplice – real e mítico, verdadeiro e ficcional, até pelas suas peculiares capacidades de desdobramento, de «performer», de actor – é, sem dúvida, para muitos da sua geração, símbolo do «homem-artista» completo. Ou quererá Natália evocar a condição de um Almada, ele-próprio, pesquisador de símbolos? Talvez a

escritora, conscientemente ou não, associasse o título da obra oferecida ao trabalho do seu dedicatário. Com efeito, nos anos cinquenta e bem antes, Almada Negreiros busca incessantemente, aquilo a que chama a *antegrãfia* de formas de pensamento esquecidas. E faz, enquanto pintor, a descoberta de símbolos como a savástica, a suástica, a lira, a flor-de-lis; persegue o «ponto da Bauhütte» e a unidade; reencontra a Tradição, o cânone, a matriz. Dessa *dimensão encontrada* dão conta muitos dos seus escritos sobre o número e a «ingenuidade do ver». É de 1948, o opúsculo *Mito-Alegoria-Símbolo*, e de 1950, um outro, com o sugestivo título de *A Chave diz: Faltam duas tábuas e meia de pintura no todo da obra de Nuno Gonçalves, «o pintor português que pintou o altar de S. Vicente na Sé da Lisboa» (Da Pintura Antigua, Francisco de Hollanda)*. Natália, também ela grande estudiosa e conhecedora da simbologia, não poderia deixar de os ter lido.

Na sua dedicatória, Natália (Correia) – é assim que assina – acrescenta ainda: «À soma dos dois que é a razão por que muito o merecemos». A soma dos dois, o símbolo e o autêntico, é, curiosamente, uma maneira de dizer  $1+1=1$ , a fórmula mágica de Almada Negreiros. Mas poderíamos dizer também que os dois – Almada e Natália - muito se mereceram, merecem ainda. Assim, no frontispício de um livro guardado, se encontram, cruzam os seus destinos. A dedicatória torna-se, deste modo, um lugar de comunhão.

Manuela Parreira da Silva

ANOITECENDO, A VIDA RECOMEÇA

As vezes Almeida,  
pelo conto que atravessa  
o mundo,  
pelo â-ovidade que eu tenho  
em achar o mundo comigo,  
muita gratidão  
e estima de  
Ruy Cinthia  
Ld 2/5/42

[72]

## CONFUSÃO

Os grandes Sábios, os grandes Desconhecidos, e  
grandes Tontos, os grandes Negreiros, e figuras  
sempre raras do «holocausto»; os que  
e que sempre um dos 3 grandes artistas  
de me geração,

Um como desconhecido por: qual e  
qualquer grande e qualificativo desconhecido  
por

Adolfo César Mendes

[49]

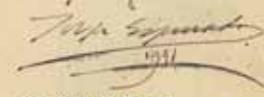
Para zeri de Almeida Negreiros  
humilíssimamente  
homenagem  
de  
Mário 

*Há uma hora, há uma hora certa  
que um milhão de pessoas está a sair para a rua  
Há uma hora desde as sete e meia horas da manhã  
que um milhão de pessoas está a sair para a rua  
Estamos no ano da graça de 1946  
em Lisboa a sair para a rua de rua*

*Salmos? mas sim, salmos!*

*Salmos: seres vivos, gentis gentis, olhos, narinas, bocas,  
gentis felis gentis infelix, um banguete, alfombras, telefónicas, varinas, relaxivos  
descompugnados  
mas com as cores, mas dentro das cores  
sensíveis, arreliados, arreliados os arreliados, arreliados nos arreliados para apunchar  
elétricos,  
gentis arreliados em relação ao barro para o barro  
que afinal ainda lá estava apunchar arreliados.*

[94]

Ao Grande ALMADA  
Com um abraço amigo do  
  
1941

SINFONIA  
DO DEGRAU

[71]

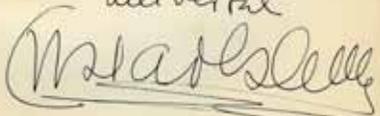
Para os Almadas-Alfonsos  
os grandes amigos de  
sempre - de paixão em  
paixão - irás e part. -  
e irás e part. e de paz  
do tempo.

A amizade fiel/ta  
Mário Helena

Linha 154

[92]

Para Almada  
he frei ros, plôna  
de poesia horrida  
gênio de poesia  
universal



Dz, 1963

[113]

## Almada por contar

### COORDENAÇÃO

Sara Afonso Ferreira  
Sílvia Laureano Costa  
Simão Palmeirim Costa

### CATALOGAÇÃO

Sara Afonso Ferreira  
Sílvia Laureano Costa  
Simão Palmeirim Costa

### Coordenação Técnica

Fátima Lopes

### TEXTOS

Ana Maria Freitas  
Família Almada Negreiros  
Fernando Cabral Martins  
Manuela Parreira da Silva  
Sara Afonso Ferreira  
Sílvia Laureano Costa  
Simão Palmeirim Costa

### EDIÇÃO

#### «Textos de Almada por contar»

Fernando Cabral Martins  
Luís Manuel Gaspar  
Sara Afonso Ferreira

### DESIGN

TVM designers

### CAPA

José de Almada Negreiros no Hotel Vitória, Lisboa, 1934 [58]

### PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

### IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printer Portuguesa  
Setembro 2013

DEPÓSITO LEGAL 363 841/13

TIRAGEM 1000 exemplares



## Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

ALMADA POR CONTAR

Almada por contar / coord. Sara Afonso Ferreira, Sílvia Laureano Costa, Simão Palmeirim Costa ; catalogação Sara Afonso Ferreira, Sílvia Laureano Costa, Simão Palmeirim Costa ; coord. técnica Fátima Lopes ; textos Ana Maria Freitas [et al.]. – Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal : Babel, 2013. – 182 p. – (Catálogos)

ISBN 978-972-565-496-5

- I – FERREIRA, Sara Afonso, 1977-
- II – COSTA, Sílvia Laureano, 1982-
- III – COSTA, Simão Palmeirim, 1984-
- IV – LOPES, Fátima, 1956-
- V – FREITAS, Ana Maria

CDU 012Negreiros, Almada  
821.134.3Negreiros, Almada(01)  
017.1(469)  
061.4

### CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Museu Coleção Berardo [115, 116]  
Biblioteca Nacional de Portugal [3, 6, 7, 10, 15, 16, 30, 32, 33, 34, 41]  
Centro de Arte Moderna [20-26, 28, 37, 61]  
Projeto *Modernismo online* [1, 2, 4, 5, 8, 9, 11-14, 17-19, 27, 29, 31, 35, 36, 38-40, 42-60, 62-114, 117-121]

### AGRADECIMENTOS

Catarina Almada Negreiros; Maria José Almada Negreiros;  
Pedro Bidarra; Pierre Stark; Rita Almada Negreiros

Ana Vasconcelos; Anabela Almeida Gonçalves; Carlos Abreu;  
Catarina Crespo; Cristina Ferreira; Diogo Fernandes;  
Francisca Mendonça; Graça Manta; Helena Borges; João Bicker;  
Nicole Oliveira Marques; Rita Lougares; Sílvia Rocio

Exposição organizada no âmbito do projeto *Modernismo online: Arquivo virtual da geração de Orpheu* (IELT – FCSH/UNL), financiado pela FCT e desenvolvido em parceria com os herdeiros de Almada Negreiros, a BNP e o CAM.

Equipa de investigação  
Ana Maria Freitas; Fernando Cabral Martins (Coordenador); Luísa Medeiros; Manuela Parreira da Silva; Sara Afonso Ferreira; Sílvia Laureano Costa; Simão Palmeirim Costa.